

CURADORIA: NOVO CONCEITO PARA A PRÁTICA DOCENTE?

Luis Gabriel Venancio SOUSA¹

RESUMO

A prática do professor têm sido alterada constantemente. Atualmente, a BNCC (2017) classifica o docente como um curador, além de trabalhos recentes (VENANCIO SOUSA, 2021; ARAÚJO, 2019) já discutirem o que é de fato essa nova forma de trabalho. Este trabalho busca analisar discursos de licenciandos de um curso de Letras Português, de uma Universidade Tecnológica Federal do Sul do Brasil, a respeito de um possível conceito para curadoria no campo educacional. No tocante ao embasamento teórico-metodológico, a pesquisa tem como ancoragem a Análise Dialógica de Discurso (ADD), a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2015[1975], 2018[1963], 2016[1979], 2018[1975]; VOLÓCHINOV, 2018[1929], 2019[1930]) tomando como baliza conceitos como: linguagem, dialogismo, ideologia, enunciado e discurso. Para analisar as concepções dos licenciandos a respeito de curadoria, busca-se, também, aporte em estudos da Linguística Aplicada (KLEIMAN, 2006; LEFFA, 2006; ARAÚJO, 2019, dentre outros) e Tecnologias da Educação (DESCHAINE E SHARMA, 2015). Como resultados obtidos, foram observadas regularidades discursivas acerca do conceito de curadoria, relacionando-a ao contexto educacional, de modo a pensar essa prática como uma inovação à prática docente, mas cabe salientar que houve enunciados que problematizaram a curadoria como uma prática já existente no fazer do professor. Nesse sentido, a curadoria foi discursivizada como: a) um processo de mediação; b) uma prática na/da educação a distância; c) um método ligado ao espaço da cultura digital; d) uma prática comparada à elaboração didática.

Palavras-chave: Curadoria. Prática Docente. Análise Dialógica de Discurso

CURATION: NEW CONCEPT FOR TEACHING PRACTICE?

ABSTRACT

The teacher's praxis has been constantly changing. Currently, the BNCC (2017) classifies the professor as a curator, in addition to recent works (VENANCIO SOUSA, 2021; ARAÚJO, 2019) already discussing what this new form of work actually is. This work seeks to analyze speeches from graduate students of a Portuguese Literature course, at a Federal Technological University of Southern Brazil, regarding a possible concept for curation in the educational field. Regarding the theoretical-methodological basis, the research is anchored in Dialogical Discourse Analysis (DDA), based on studies of the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2015[1975], 2018[1963], 2016[1979], 2018[1975]; VOLÓCHINOV, 2018[1929], 2019[1930]) taking as a guide concepts such as: language, dialogism, ideology, statement and discourse. To analyze the undergraduate students' conceptions regarding curation, we also seek input from studies in Applied

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: luisgabrielsousa1@gmail.com.

Linguistics (KLEIMAN, 2006; LEFFA, 2006; ARAÚJO, 2019, among others) and Educational Technologies (DESCHAINED AND SHARMA, 2015). As results obtained, discursive regularities were observed regarding the concept of curation, relating it to the educational context, in order to think of this practice as an innovation in teaching praxis, but it is worth noting that there were statements that problematized curation as an already existing practice in the make the teacher. In this sense, curation was discursivized as: a) a mediation process; b) a practice in/of distance education; c) a method linked to the space of digital culture; d) a practice compared to didactic elaboration.

Key-words: Curation. Teaching Praxis. Dialogic Discourse Analysis

INTRODUÇÃO

Quem frequentou a sala de aula há algumas décadas, na condição de aluno ou de professor, e está na escola atualmente, percebe que o processo de ensino-aprendizagem teve alterações por inúmeras razões, dentre elas a ascensão da tecnologia digital impactando as diversas esferas de atividades humanas.

Se há algum tempo o livro didático, grande referência de artefato tecnológico em sala de aula, poderia trazer informações pontuais para contribuir e ilustrar conteúdos específicos aos alunos, atualmente, ele, por si só, pode não ser o suficiente².

Nesse sentido, se antes a escola e o livro didático tinham papel primordial de apresentar o conhecimento produzido nas áreas de referência, quase inéditos aos estudantes, hoje ela compete com uma série de dispositivos tecnológicos que fazem os conhecimentos produzidos circularem de modo mais amplo.

Vale destacar ainda, que não advogamos em prol do discurso de que a tecnologia digital proporcionou um acesso irrestrito e democrático de todos ao conhecimento. No entanto, reconhecemos que os modos de produzir e circular informações e saberes hoje é bem mais amplo e complexo, extrapolando os letramentos escolares e a educação regular formal.

Sobre esse tema, já em publicação de 2003, Kenski salientava que os saberes já não estão mais restritos apenas ao espaço físico da escola, muito menos os estudantes têm hora e lugar marcado para ter acesso a eles; os conhecimentos circulam de modo mais fluido, nas palavras da autora, “nas estradas virtuais da informação” (2003, p. 27).

2 Ressaltamos que em algumas realidades fora dos grandes centros urbanos o livro didático ainda é o principal artefato tecnológico mobilizado pelo professor nas práticas de ensino-aprendizagem.

Tratam-se, pois, de novos modos de interagir e acessar informações/conteúdos via dispositivos tecnológicos. Nesse debate, Rojo (2013) problematiza a mudança do papel da escola, tendo em vista a necessidade de que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital, com o professor assumindo o protagonismo para atribuir ao processo de ensino-aprendizagem todas essas questões.

No tocante ao papel do professor nessa relação de mediação pedagógica, emergem preocupações acerca do novo perfil de atuação docente nos processos de ensino-aprendizagem que leve em consideração as informações disponíveis fora dos muros escolares que são gratuitas, fartas, variadas e inesgotáveis (GONSALES, 2012). Esse cuidado com a informação se mostra relevante se pensarmos que nem tudo que está disponível na internet, por exemplo, é realmente verossímil e há muitas informações equivocadas, distorcidas, além de superficiais e simplistas³.

Diante disso, é relevante pensar como o docente pode auxiliar os alunos a lidarem com tanta informação disponível para que a construção de conhecimento seja realmente significativa. Afinal, se as informações já estão disponíveis em redes e os alunos têm acesso a elas, muitas vezes gratuitamente, vale questionar, então: Qual o papel do professor nesse novo cenário formativo?

Estudos acerca do perfil do professor contemporâneo (CASTAÑEDA; ADELL, 2013; AMARAL, 2012; SILVA, 2012; SOUZA, 2017; ARAÚJO, 2019; entre outros) enfatizam que o docente pode incumbir-se do papel de curador. Amaral (2012) explica que o termo curador assume diferentes papéis dependendo da área envolvida. A origem da palavra curadoria vem do latim *curator*, que significa tutor, ou seja, aquele que administra a seu cuidado, sob sua responsabilidade (MARTINS, 2006). Segundo Oliveira e Janes (2017), o termo começou a ser usado na área do direito, como o ato de curar, zelar, vigiar por algo; depois, passou para o campo das artes.

Diante disso, o conceito de curadoria ligado à *mediação* articula-se bem ao campo da educação (LOPES et al, 2014; ARAÚJO, 2019; SOUZA, 2017). Nessa perspectiva, se pensarmos no perfil do professor, conforme historicizado

³ Essa preocupação com a veracidade das informações é uma nova demanda do professor e um trabalho a ser feito/considerado em sala de aula. A BNCC, por exemplo, propõe como objeto de discussão na escola o tema *Fake News*.

por Geraldini (2010), que há muito tempo não é o produtor de um conhecimento científico, mas alguém que reproduz e atualiza ao longo do tempo um saber produzido por um outro (seja das pesquisas de científicas ou dos materiais didáticos), teríamos na curadoria uma forma de o professor resignificar saberes, adaptando-os às realidades possíveis no espaço da sala de aula?

Assim, tomando como base a discussão sobre esse possível perfil docente – o professor curador, neste artigo, apresentamos uma análise produzida no espaço da formação inicial de professor de Língua Portuguesa. O objetivo foi observar como licenciandos(as) de um curso Letras Português, em formação inicial em uma universidade pública tecnológica, produzem sentidos a respeito do professor como curador.

Para tanto, do ponto de vista epistemológico nos embasamos na Análise Dialógica de Discurso (ADD), a partir dos escritos de Bakhtin e o Círculo, bem como teorizações recentes no campo educacional sobre o tema curadoria. A fim de apresentar a análise empreendida, este texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a noção de curadoria relacionada ao contexto educacional; depois, descrevemos os dados de análise. Por fim, apresentamos a análise dos enunciados dos licenciandos acerca do professor-curador.

A NOÇÃO DE CURADORIA/CURADOR

No cenário das artes é que a curadoria tem a sua identidade mais popular, onde o curador foi incumbido a assumir o protagonismo de organizador da cultura, selecionando, capturando, descrevendo e preservando conteúdos (OLIVEIRA; JANES 2017). Lopes, Sommer e Schimidt (2014) acrescentam que

a intenção do curador, geralmente, é fornecer elementos ou informações sobre um conjunto de obras de artes a fim de aguçar os sentidos e o interesse do visitante de uma exposição ou instalação e, ao mesmo tempo, provocar uma leitura que extrapola a experiência imediata entre a obra e o visitante (p. 61).

Já Bhargava (2011, p. 4 – tradução nossa) amplia esse conceito ao defender a ideia de que a curadoria é o “ato de encontrar, agrupar, organizar ou compartilhar

o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica⁴.” Na mesma perspectiva, Ramos (2012) também defende a proposição do curador como um mediador e ressalta que esta atividade pode ser considerada fundamental na cultura contemporânea, uma vez que o mediador não está necessariamente envolvido em produzir novas formas, mas sim arranjá-las em novos formatos, isto é, proporcionando novos sentidos.

Atualmente, o conceito de curadoria tem se expandido para outros campos epistemológicos, como o marketing, a informação, a comunicação etc. e, mais recentemente, a educação. Não há um consenso de conceito que padronize um curador ou a prática da curadoria nas diferentes correntes de saberes.

No entanto, nas esferas epistemológicas que adotam a curadoria como premissa de ação, é atribuída a ela não apenas a prática de selecionar informações/ conteúdos, mas de, também, socializar o conteúdo curado.

Bhargava (2011, p. 4 – tradução nossa), mais precisamente ao discutir a curadoria digital, defende a ideia de que a curadoria é o “ato de encontrar, agrupar, organizar ou compartilhar o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica⁵. “Ampliando essa perspectiva, o curador passa a ter como característica a mediação (RAMOS, 2012; LOPES et al, 2014; HOFFMANN, 2003), atividade que pode ser considerada fundamental na cultura contemporânea, uma vez que o mediador não está necessariamente envolvido em produzir novas formas, mas, como destaca Ramos (2012), arranjá-las em novos formatos, isto é, proporcionando novos sentidos.

No tocante ao conceito de curadoria atrelado à *mediação*, Ungerer (2016) salienta que alunos e professores podem ser encorajados a se tornarem curadores digitais e não apenas consumidores de informações que encontram na internet, mas também é preciso que avaliem e sintetizem conteúdos para, eventualmente, se tornarem cidadãos digitais responsáveis.

Araújo (2019) afunila a discussão dessa temática trazendo o debate para o campo da Linguística Aplicada, ao apontar que “tarefas de selecionar, editorializar e formatar conteúdos devem ser contempladas no trabalho do *linguista-curador*

4 Tradução nossa extraída do seguinte excerto: “Content Curation is a term that describes the act of finding, grouping, organizing or sharing the best and most relevant content on a specific issue.”

5 Tradução nossa extraída do seguinte excerto: “Content Curation is a term that describes the act of finding, grouping, organizing or sharing the best and most relevant content on a specific issue.”

ou do *professor-curador*” (p. 219). E salienta que

[...] o papel do professor-curador, seja buscando recursos no universo da web, seja buscando recursos dentro de repositórios, cabe a ele analisar cada RED [Recurso Educacional Digital] considerando a adequação especialmente à linguagem como prática social situada histórica e socialmente, dirigida ao outro, considerando esse outro como sujeito que se constitui na e pela linguagem (ARAÚJO, 2019, p. 235).

Nesse sentido, trazemos as perspectivas de Deschaine e Sharma (2015) que atestam a necessidade de professores (e formadores de professores) se tornarem curadores digitais, identificando e utilizando recursos que sejam reflexivos, relevantes e representativos das metas e objetivos contidos no currículo.

Os autores problematizam a formação de professores e direcionam o seu estudo a professores universitários, destacando que “a curadoria digital proporciona [...] a oportunidade de desenvolver uma formação efetiva de professores e materiais para o seu desenvolvimento”⁶ (DESCHAINE e SHARMA, 2015, p. 23 – tradução nossa). Assim, tomamos como base a discussão dos autores para discutir o professor-curador em todos os cenários educacionais, incluindo o professor da educação básica, sobretudo o de língua, tendo em vista a produtividade do tema.

Ademais, não assumimos essas posições como parâmetros deterministas em relação às práticas pedagógicas, mas como uma possibilidade de arquitetônica para análise/ação de um processo de curadoria.

Os autores (2015) se apoiam em estudos de alfabetização de novas mídias para definirem o processo de curadoria envolvendo a utilização de diferentes tecnologias a fim de resignificar sentidos. Para isso, estabelecem o processo que envolve os cinco Cs: a) Coletar (preservar e revisitar); b) Categorizar (comparar e generalizar); c) Criticar (discriminar e avaliar); d) Conceituar (reorganizar e reaproveitar); e e) Circular (mostrar valor e tornar acessível).

No quadro 1, a seguir, apresentamos um detalhamento dos cinco Cs.

6 Traduzido do excerto: “It provides the faculty member with an avenue to demonstrate value-added perspectives by making collections available for future academics.”

Quadro 1 – Os cinco cs para o processo de curadoria

1	Coletar	O curador seleciona, preserva e revisita os materiais escolhidos.
2	Categorizar	Compara os materiais e generaliza o conteúdo de forma ampla.
3	Criticar	Faz uma análise crítica do que realmente é importante, discriminando e avaliando o que será usado.
4	Conceituar	Reorganiza e reaproveita o que foi escolhido resignificando/mixando/editando para a realização do seu objetivo final. É nesta etapa que o curador dá novo sentido aos conteúdos.
5	Circular	Socializa o produto curado, mostrando seu valor e tornando o produto acessível.

Fonte: Adaptado de Deschaine e Sharma (2015).

Consideramos o produto final elaborado pelo professor-curador, após a realização das cinco etapas, como algo novo inserido em um novo contexto, mas realizado a partir de, na perspectiva bakhtiniana, “já ditos”. Isto é, um produto não original e inédito, trata-se de algo reelaborado a partir de outros autores e inserido em um novo contexto de interação interlocutiva.

Em outras palavras, a partir do uso de Objetos Virtuais de Aprendizagem (LEFFA, 2006) disponíveis em redes, o curador não assume o papel de autor ou co-autor desse conteúdo, mas o de um sujeito que reelabora e resignifica sentidos, por meio de uma produção outra - a ser inserido em um novo contexto de interação – o da sala de aula.

Assim, o professor-curador seleciona, organiza e reelabora enunciados dispersos no mundo para construir o seu enunciado mediante o objetivo da aula. Não se trata de um co-autor, pois ele está sempre reenquadrando discursos-outros, trazendo-os para o contexto da aula, reelaborando materiais e dando novos sentidos a eles a partir de já-ditos. Outrossim, a aula em si, o acervo socializado aos estudantes e a condução de construção de novos sentidos e conhecimentos é que pode sinalizar um processo autoral do professor, isto é, como o produto final de uma possível curadoria.

DESCRIÇÃO DOS DADOS E PARÂMETROS DE ANÁLISE

Como dito antes, o presente estudo se pauta Análise Dialógica de Discurso (ADD), o que significa dizer que não há categorias rígidas a priori. A ADD tem

como orientação os escritos do Círculo com enfoque no método sociológico proposto por Volochinov (2018[1929]) para quem é preciso levar em consideração, na análise da linguagem, três fatores:

- 1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (VOLOCHINOV, 2018[1929], p. 128-129).

A fim de elucidar alguns parâmetros de análise para pesquisas em ADD e pelos quais tomamos como base para esta pesquisa, Rohling (2014) indica que análises de produções discursivas contemporâneas levem em consideração:

- O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco;
- A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso;
- O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados;
- O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados;
- A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenuniação de discursos e reacentuações de discursos. (p. 50).

Ancorados nesses parâmetros e mobilizando ao longo da análise conceitos como enunciado e discursos, iniciamos uma pesquisa participante, realizada com 18 licenciandos do 5º período do curso Letras Português, da modalidade presencial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no campus de Curitiba/PR, mais precisamente em uma disciplina intitulada: “Projeto Integrador: multimodalidade e ensino não-presencial, no período de setembro a dezembro de 2019.

Os dados foram gerados a partir de três instrumentos de pesquisa: 1) um questionário online com perguntas sobre o conhecimento prévio dos participantes

a respeito de Curadoria (QO); 2) interação entre pesquisador e licenciandos em uma aula de 50 minutos sobre “Curadoria” (AC), em que foi apresentado e discutido o conceito de Curadoria; 2) os Projetos avaliativos elaborados pelos licenciandos (PJ), em que eles mobilizaram o conceito de Curadoria em pesquisas para avaliação da disciplina.

Na subseção a seguir, apresentamos a análise dos dados no tocante aos sentidos produzidos pelos licenciandos acerca do professor-curador.

CURADORIA: O CONCEITO (RE)VELADO

Para compreender o conceito de curadoria construído pelos licenciandos, utilizamos como estratégia identificar, inicialmente, por meio do questionário online, o que já fazia parte do horizonte apreciativo dos participantes sobre o tema, para, depois que tivessem contato com o discurso teórico, compreendermos qual o sentido atribuído de forma mais aprofundada, traçando, assim, um possível conceito de curadoria enunciada pelos participantes da pesquisa.

Observar os conhecimentos prévios dos sujeitos também é uma forma de compreender como os seus discursos são constituídos considerando sua vivência, pois os enunciados são carregados de saberes advindos da história dos sujeitos, afinal, eles estão ligados dialogicamente a outros já-ditos. Isso porque ninguém “é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo [...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 26). Além disso, os enunciados/discursos não podem deixar de ser vistos/analísados desconsiderando-se “o que já foi dito”, “o conhecido”, “a opinião geral” etc., uma vez que todo discurso é recheado de palavras alheias, como destaca Bakhtin (2016[1979]):

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas), é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (p. 54).

Dito isso, observamos diferenças na construção de sentido de curadoria quando analisados os enunciados produzidos antes e depois do contato com o

discurso teórico da disciplina, que passa a compor o horizonte apreciativo dos participantes da pesquisa. Para alguns dos sujeitos, por exemplo, o primeiro contato com o termo curadoria foi no dia em que a pesquisa foi apresentada a eles, antes de iniciarmos a geração dos dados. Nesse dia, alguns deles demonstraram curiosidade em saber o que seria, de fato, curadoria e como ela estaria relacionada à educação.

Por meio do questionário on-line, provocados a dizer se conheciam ou já tinham ouvido falar de “curadoria”, cinco licenciandos indicaram desconhecer ou nunca terem ouvido falar do tema, como apresentado nos enunciados produzidos em resposta à seguinte pergunta motivadora: Você já ouviu falar do termo curadoria? De que modo? Como você entende esse conceito no campo educacional?

⁷QO - Bernardo: Não, nunca ouvi.

QO - Joana: Nunca ouvi falar.

QO - Graça: Não.

QO - Duda: Não conheço o termo.

QO - Dani: Não.

Uma das possíveis causas desse “desconhecimento” pode estar ligada ao fato de a curadoria ser um termo novo no campo educacional e só agora estar entrando nos debates e pesquisas acadêmicas.

Daqueles que demonstraram certa familiaridade, como exposto a seguir, indicaram tal fato oriundo do campo das artes, o que reforça a concepção de que a identidade mais popular da curadoria está no cenário artístico (OLIVEIRA; JANES, 2017), ainda que a origem do termo pertença à área do direito e hoje tenha se difundido a outros campos do saber, como o marketing, a comunicação, a educação, entre outros. Esses enunciados foram produzidos em resposta à seguinte pergunta motivadora do questionário on-line: Você já ouviu falar do termo curadoria? De que modo? Como você entende esse conceito no campo educacional?

⁷ Adotamos esta estratégia, uma vez que os projetos finais da disciplina puderam ser realizados de forma individual ou em grupos de até quatro pessoas. Sendo assim, adotamos os discursos analisados como de grupos sociais, atribuindo a cada um deles uma respectiva cor, enquanto que os projetos elaborados por autores individuais, mantivemos o seu respectivo nome fictício.

QO - Manu: Sim. Principalmente na área das obras de artes.

QO - Zeca: Ouvi falar na relação com as artes, como por exemplo a curadoria de uma exposição em museu.

QO - Telma: Eu ouvi falar de “curador de museu”, mas não sei ao certo o que isso significa e não sei como entender esse conceito no campo educacional.

Dos licenciandos que já tinham a curadoria em seu horizonte apreciativo, apenas três relacionaram, inicialmente, o conceito à esfera educacional:

QO - Rafa: Já ouvi falar por meio de aulas apresentadas a respeito da EAD. Não faço a menor ideia e estou maluca pra saber do que se trata.

QO - Luiz: Bem superficialmente por meio dos próprios professores e da mídia.

QO - Carla: Já ouvi nas últimas aulas.

Esses enunciados nos possibilitam refletir a respeito dos primeiros sentidos de curadoria construídos pelos licenciandos no campo educacional. O primeiro deles, indicado por Rafa, remete a uma eventual resignificação de ensino contemporâneo, por meio do cenário digital, protagonizado com mais afinco pela Educação a Distância, onde se utiliza na prática pedagógica recursos educacionais, também, digitais. Se inserida nesse cenário, a curadoria assume uma perspectiva de processos de elaboração e atuação docente situados na cultura digital.

Luiz, por sua vez, revozeia o discurso midiático, ressaltando a sua influência discursiva nos contextos sociais, atribuindo, de certa forma, a curadoria à educação, ao passo que também indica ter contato com o termo na própria formação acadêmica, ainda que superficialmente. Assim sendo, a curadoria, para ele, poderia ser um/a tema/prática presente tanto na universidade quanto fora dela.

Quanto ao enunciado de Carla, também há uma relação entre o conceito de curadoria e o campo educacional, trazendo a possibilidade de uma eventual discussão feita sobre a temática durante a sua formação acadêmica.

Apresentada essa contextualização inicial se os licenciandos tinham a curadoria ou não no seu horizonte apreciativo e se relacionariam de imediato o tema ao campo educacional, discutimos adiante os discursos produzidos quanto ao conceito de curadoria elaborado por eles durante e depois de terem contato com o discurso teórico da disciplina.

A primeira recorrência para conceituar curadoria, percebida nos enunciados produzidos em diferentes contextos (antes e depois do discurso teórico ser apresentado a eles), foi o fato de ela estar enredada a uma possível mediação de conhecimentos/saberes. Desse modo, a curadoria assume um sentido próximo ao de mediar, como apresentado nos enunciados a seguir.

QO - Rafa: pensando pelo que se pode imaginar das discussões em sala, acredito que seja algum tipo de mediação a distancia por parte do professor para com o aluno.

QO - Luiz: Na educação, acredito que esteja relacionado ao professor pesquisador, que além de mediar o conteúdo para o aluno, investiga as demandas na educação e as melhores maneiras de tornar o ensino de qualidade viável e acessível a todos.

AC - Dani: Na arte, o curador é quem está mediando a ideia do autor com o espectador.

Torna-se importante refletir, primeiro, sobre o sentido de mediação discursivizado pelos licenciandos. Rodrigues e Rohling (2014) historicizam esse conceito e indicam que ele emerge no final da década de 1970 e início da década de 1980. Segundo as autoras, o termo ganha destaque como discursos-resposta aos questionamentos às “práticas pedagógicas balizadas pela noção de transmissão de conhecimento, que passam a ser consideradas tradicionais pelos estudos científicos” (p. 418).

O discurso do professor mediador é constituído, então, no contradiscurso ao discurso do professor como transmissor de conhecimento, bem como numa reinterpretção da noção de mediação simbólica de orientação vigotskiana, assimilada pelos documentos oficiais de ensino e popularizada na formação de professores (RODRIGUES; ROHLING, 2014).

Dito isso, percebemos que alguns dos licenciandos reenunciam discursos teóricos, que atuam como discursos de autoridade, sobre a prática docente relacionada à mediação de saberes, talvez por estarem situados num curso de formação de professores e essa discussão já fazer parte do seu horizonte apreciativo, como observado, por exemplo, no enunciado de Rafa “pensando pelo que se pode imaginar das discussões em sala, acredito que seja algum tipo de mediação”.

Franco, Rohling e Alves (2020) explicam que o termo “reenunciar” não é propriamente empregado por Bakhtin e o Círculo, ele surge de uma releitura de

estudiosos contemporâneos brasileiros que se ancoram nos estudos bakhtinianos. Nesse sentido, os autores definem reenunciar como uma “nova enunciação de um discurso/enunciado de outrem” (p. 151), isto é, “o locutor imprime um acento de valor que fica explícito, saliente no seu discurso/enunciado, tendo em vista o seu projeto discursivo e a nova situação de interação” (p. 151). Desse modo, a reenunciação “estaria ligada à ordem do acontecimento, do novo do enunciado em relação ao discurso já dito, que é enquadrado numa outra situação de interação discursiva, trazido sob novos matizes valorativos” (FRANCO; ROHLING; ALVES, 2020, p. 151).

O enunciado de Dani, por exemplo, materializa essa reenunciação ao tentar conceituar curadoria como o ato de mediar, exemplificando que o curador ocupa uma posição de estar entre o desejo de um artista para transmitir essa vontade ao espectador: o curador é quem está mediando a ideia do autor com o espectador. Então, a mediação da curadoria estaria caracterizada, para a licencianda, possivelmente como uma transposição de saberes/vontade entre um sujeito a outro.

Luiz, em seu discurso, nos possibilita ampliar nossa reflexão em dois aspectos: o primeiro deles quanto ao reenunciar o professor como pesquisador; depois, quanto ao método de como se faz uma possível curadoria/mediação.

Ao definir o professor como pesquisador, dizendo que “Na educação, acredito que esteja relacionado ao professor pesquisador”, o estudante reenuncia um discurso teórico muito presente no ambiente acadêmico. Em “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire (2013) explica que

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender, o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma [...] como pesquisador (p. 30).

No entanto, não há como inferir se a definição de professor pesquisador apresentada pelo licenciando se aproxima daquela estabelecida por Freire (2013), em que a pesquisa não é uma condição, mas uma das dimensões do trabalho docente. Além disso, ao dizer que o professor “investiga as demandas

na educação e as melhores maneiras de tornar o ensino de qualidade viável e acessível a todos”, o licenciando nos permite pensar numa possível ampliação da atuação do professor para além da mediação de saberes atrelados a sua disciplina, possibilitando ao docente ter acesso a conhecimento que compõem outros segmentos educacionais.

Porém, vale questionar se essas novas demandas estariam de fato contempladas no seu campo de atuação ou surge como uma absorção de tarefas/saberes de outros atores que integram o contexto escolar. Além disso, indicar o professor pesquisador no sentido de compreender outros contextos escolares para “tornar o ensino de qualidade e acessível a todos”, não seria expor e responsabilizar o docente a/por um possível fracasso do aprendizado do estudante?

Além disso, Luiz reflete quanto ao método utilizado pelo professor na sua práxis, trazendo a concepção de que o mediador/curador “investiga as demandas na educação e as melhores maneiras de tornar o ensino de qualidade viável e acessível a todos”. Podemos pensar, então, que, para se fazer uma mediação/curadoria, é preciso, então, que o professor esteja atualizado quanto aos saberes dispostos no mundo a fim de reorganizá-los para trazê-los ao contexto da sala de aula.

Nessa perspectiva, o mediador se aproximaria da identidade de transmissor de conhecimento (GERALDI, 2010) e não assume um papel de construção de saberes com os estudantes, como defendido por Geraldi (2010), mas o de buscar saberes dispostos no mundo para torná-los acessíveis ao seu público-alvo.

A partir disso, podemos remeter essa percepção ao que Geraldi (2010) critica quanto aos discursos que atrelam o professor a um profissional que deve estar sempre atualizado, uma vez que os saberes já não são construídos nos espaços escolares, mas fora deles, e o docente deve estar atento ao que é produzido. Apontamos então, que a mediação/curadoria indicada por Luiz pode estar relacionada ao ato de atualização e transmissão de saberes.

Outrossim, esses enunciados quanto à mediação/curadoria contemplam algumas das etapas de Deschaine e Sharma (2015), como: o conceituar, momento em que o curador vai agir reorganizando e remixando as ideias do autor para o público-alvo; e o circular, quando o curador torna um conteúdo acessível e o socializa com esse público.

Em outro enunciado produzido por Manu, também em resposta à pergunta motivadora anteriormente descrita, a licencianda definiu a prática da curadoria como o ato de “selecionar”, o que pode ser considerado aqui como o primeiro processo de curadoria proposto por Deschaine e Sharma (2015), o ato de coletar, isto é, quando o curador seleciona os conhecimentos dispostos no mundo, de forma geral, preservando as informações originais encontradas, sem atuar, ainda, no reajuste desses conhecimentos para a elaboração de sua aula, por exemplo.

Vale ressaltar que os enunciados que atribuíram à curadoria a característica de mediação foram produzidos antes das discussões sobre o tema na disciplina, em virtude da pesquisa proposta. Assim sendo, podemos aventar que, apesar da curiosidade pela temática exposta pelos sujeitos durante a apresentação da pesquisa, isto é, antes da geração dos dados, os enunciados quanto aos conceitos de curadoria não trouxeram relação ao discurso teórico sobre a temática, fato este que pode estar relacionado, também, à posição em que os licenciandos ocupam enquanto sujeitos que assimilam discursos autoritários dos docentes como principal fonte de aprendizagem.

A graduação, período de contato inicial com conhecimentos teóricos e de inserção nos letramentos acadêmicos, é uma das principais etapas em que passam a assimilar discursos a fim de construir conhecimento a respeito das temáticas de sua formação teórica e profissional.

Dessa forma, dificilmente a relação da mediação com a curadoria se aproxime, de fato, à teoria de Deschaine e Sharma (2015) apresentada a eles, mas reenuncia a mediação dando um novo sentido a ela no campo educacional. Isso se explica porque, quando o estudante assimila e reacentua esses discursos teóricos, o “discurso do outro [do professor, do autor, do pesquisador etc.] já não atua como informação, instrução, regras, modelos etc., ele procura determinar os próprios fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo” Bakhtin (1975[2017], p. 136).

Ademais, o ato de mediar é um discurso muito presente na escola e nas discussões acadêmicas, isto é, presente no cotidiano de formação de professores. Conseqüentemente, os licenciandos estabelecem esta relação por ser uma prática docente muito dita. Contudo, a forma como eles reacentuam esta prática já é uma forma de apresentarem assimilação teórica e afastamento da ideia de transmissão de saberes. Bakhtin (1975[2017]) ressalta que

A narração do texto pelas próprias palavras do aluno é, até certo ponto, uma narração bivocal da palavra do outro [o professor], pois “minhas palavras” não devem dissolver inteiramente a originalidade das palavras do outro, a narração por minhas palavras deve ser de natureza mista. (p. 135)

A partir disso, destacamos, então, como uma segunda recorrência ao conceituarem curadoria o fato de relacionarem esta prática à educação a distância. Os enunciados apresentados a seguir materializam a nossa percepção:

PJ - Verde: se faz necessário refletir sobre o papel do professor na Educação a Distância, tendo em vista a sua curadoria de conteúdos.

PJ - Vermelho: EAD E CURADORIA PEAGÓGICA (título da seção).

PJ - Arthur: A curadoria no EaD (título da seção).

PJ - Filipe: Os sujeitos da EaD e a noção de curadoria (título da seção).

PJ - Roxo: Considerando a importância da educação a distância [...] podemos compreender que a curadoria é um aspecto muito importante nesse processo.

PJ - Manu: Conceitos de Educação a Distância e Curadoria (título da seção)

PJ - Carla: [...] buscaremos trazer um recorte da curadoria com o foco na EaD.

Vale ressaltar que esses enunciados foram sendo construídos nos projetos finais da disciplina, após os estudantes terem acesso ao discurso teórico, produzidos, pois, a partir dessas teorias já fazerem parte de seus horizontes apreciativos. Logo, antes de aprofundar a análise, é importante situar a condição de interação discursiva em que os discursos dos licenciandos foram produzidos, pois, como aponta Bakhtin (2015[1975]):

Para decifrar o real sentido das palavras alheias pode ter importância decisiva quem exatamente fala e em que situações concretas o faz. A compreensão do dia a dia e avaliação do dia a dia não separam a palavra da avaliação do falante, [...] e isto em toda a sua concretude. [...] É muito importante toda a situação em que se deu a fala: quem a presenciou, com que expressão, com que mímica foi falado, quais foram os matizes da entonação. (p. 134)

É relevante destacar que os participantes produziram seus enunciados na esfera acadêmica, respondendo a uma pesquisa científica, então, esse dizer é limitado e emoldurado por essa instância mais elaborada do uso da linguagem,

conforme explica Volóchinov (2018[1929]):

a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro, seja como exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou como uma súplica por piedade, seja em estilo pomposo ou simples, seja de modo confiante ou tímido e assim por diante (p. 206).

Desse modo, na situação de produção dos enunciados há uma relação interlocutiva posta entre o pesquisador e os licenciandos. Consequentemente, há um afetamento entre os sujeitos que participam da pesquisa, tanto licenciandos quanto pesquisador, pois, nessa relação interlocutiva, incide sobre um a voz do outro, logo, a reação resposta-ativa de um sujeito interfere na forma como o outro vai construir o seu enunciado em dada situação.

Nesse caso, o espaço da universidade e da discussão acadêmica, onde se pode dizer certas coisas e outras não, e onde toda a forma de produção de discursos é moldada, foi determinante para a educação a distância surgir como um espaço da prática de curadoria, bem como os espaços onde surgiram esses enunciados, como em títulos de seções dos projetos escritos, por exemplo.

A condição de emolduramento dos enunciados, principalmente dos projetos escritos, organiza e induz os discursos dos licenciandos em alguns aspectos, afinal, havia critérios específicos a serem contemplados nos textos, como, por exemplo, a discussão sobre EaD e curadoria, percebidos nos enunciados de Vermelho, Arthur, Filipe e Manu. Portanto, esses enunciados respondem à demanda solicitada pelo professor da disciplina, uma vez que faziam parte de um processo de avaliação, como observamos nas palavras de Carla, quando ela explicita o ajuste discursivo para contemplar tal exigência: “buscaremos trazer um recorte da curadoria com o foco na EaD”.

Nesse contexto, percebemos que os sentidos de curadoria construídos pelos licenciandos ficaram limitados às situações em que foram estimulados a discursivizar sobre a temática, isto é, na aula, no questionário, ou na seção de escrita dos projetos. Sendo assim, o tema pode não ter sido considerado essencial ou não ter despertado interesse nos licenciandos para um aprofundamento teórico, mas visto como uma enunciação submetida para um fim específico, além de, possivelmente, condicionar a relação da curadoria ao contexto da EaD.

Ademais, percebemos que, ao tentarem produzir sentidos para o conceito de curadoria, não apenas na relação com a EaD, mas em um contexto geral, os discursos dos licenciandos ora se apresentam como apropriação de discursos autoritários – aqueles que vêm da voz de autoridades e são introduzidos como massa compacta, sem muita contraposição, avaliação etc. – ora como discursos interiormente persuasivos – que surge como algo mais valorado, com um tom específico do sujeito que o produz, tem uma acentuação mais específica e nítida – (BAKHTIN 2017[1975]).

Devido ao fato de os textos acadêmicos, em geral, serem emoldurados em uma estrutura com determinadas características, como, por exemplo, seções específicas de introdução, metodologia, considerações finais e discussão teórica, os discursos autoritários surgem nos textos marcados em forma de citações de outros autores e como recursos de escrita, exemplos, seções específicas, discursos transcritos/parafraseados etc.

Quanto aos enunciados verbais escritos dos projetos, Bakhtin (2016[1979]) explica que é como se advinhássemos e sentíssemos uma alternância de discursos do interlocutor que escreve e da sua base teórica (o discurso do outro), logo, “o discurso do outro tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso” (p. 60).

Por isso, é possível verificar onde o discurso do outro é citado textualmente e destacado com clareza, ouvindo-se com facilidade os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das mútuas relações dialógicas (BAKHTIN, 2016[1979]).

À vista disso, Bakhtin (2015[1975]) acrescenta que

Tanto a enformação quanto a moduração do discurso do outro (o contexto pode começar a preparar de muito longe a inserção do discurso do outro) traduzem o ato único de relação dialógica com tal discurso, relação essa que determina todo o caráter de sua transmissão e todas as mudanças semânticas e acentuais que nele ocorrem durante essa transmissão. (p. 134)

Outro fator que pode justificar a relação curadoria-EaD é a ressonância da disciplina onde foi realizada a pesquisa, uma vez que ela tem como foco discussões sobre a educação a distância.

A terceira recorrência percebida para o conceito de curadoria foi o fato de ela ser caracterizada como uma prática específica da cultura digital. Desse

modo, como problematizado no capítulo 2 desta pesquisa, se o traço distintivo da curadoria com relação à elaboração didática seria o aspecto digital, na perspectiva de grande parte dos licenciandos, é possível aventar que sim, como apontam os enunciados a seguir, onde os grifos são nossos:

PJ - Amarelo: Dentro do meio digital, há uma função intitulada de Curadoria Digital.

PJ - Vermelho: Há autores que pensam esse profissional [o professor contemporâneo] como quem encontra, agrupa, organiza informações, em outro conceito, aquele que gerencia algo no meio digital.

PJ - Verde: Se faz necessário refletir sobre o papel do professor na Educação a Distância, tendo em vista a sua curadoria de conteúdos. [...] temos que levar em conta que estamos tratando do meio digital.

PJ - Sara: surge a imagem do professor como curador, como aquele que reinterpreta o uso de artefatos digitais, explorando e categorizando de forma coerente todos os parâmetros que serão tangenciados.

PJ - Dani: no meio de diversas informações, conteúdos e todo tipo de texto, é necessário que haja um responsável - o curador - para pensar em como o aluno receberá todo esse material, mediando e intervindo nesse espaço digital, de forma a facilitar o ensino-aprendizagem.

Ao relacionar a curadoria aos conteúdos digitais, os licenciandos desconsideram uma possível prática de curadoria com tecnologias analógicas - como livros, revistas e jornais impressos, por exemplo - assim, a atuação do professor ao preparar suas aulas sem recursos digitais não estaria contemplada nessa nova arquitetônica da práxis docente?

Vale ressaltar mais uma vez que a disciplina em que a pesquisa foi realizada tem relação direta com a Educação a Distância, modalidade de ensino onde utiliza-se grande aporte de recursos educacionais digitais e, dificilmente, as tecnologias analógicas são contempladas com prioridade para o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o aspecto digital foi uma das características de curadoria apresentada a eles por meio do discurso teórico, como os de Deschaine e Sharma (2015), por exemplo.

A partir disso, percebemos que os enunciados que caracterizam a curadoria como uma prática do ambiente digital foram revozeados a partir do discurso teórico. Isso se explica pela moldura presente nos textos acadêmicos, como já dito. Assim sendo, a característica desses textos, como os projetos elaborados pelos licenciandos, de se ancorarem num referencial teórico, influenciam

diretamente nos discursos ecoados. Essa característica não foi percebida, no entanto, na conversa durante a aula sobre curadoria, quando os discursos estavam reacentuados com base em outros aportes teóricos estudados ao longo do curso, como os que discutem a práxis docente como mediação, por exemplo.

Todavia, destacamos uma singularidade, a saber, os enunciados de Duda e Filipe, que trazem um contradiscurso a essa perspectiva de revozeamento teórico e à ideia de que a curadoria se caracteriza por ser uma prática inovadora, trazendo como principal traço sua face digital, ao dizer que esse conceito não apresenta nada de novo daquilo que o professor já realiza na sua práxis.

AC - Duda: Basicamente a curadoria seria o que a maioria dos professores fazem. É a maioria das coisas que os professores fazem aqui na graduação, pelo menos os nossos professores: eles encontram os textos, agrupam em um drive, organizam esses textos em cada dia no que eles vão fazer, até o capítulo específico. E eles ainda selecionam as coisas que eles gostam, né?! Então... tipo... ah, por que você quer ler.. sei lá... Machado de Assis e não uma outra coisa? Porque eu gosto. Porque eu tenho mais afinidade, então vai ser Machado de Assis. [...] E esses conteúdos têm uma sequência de progressão, tipo... eles seguem uma lógica, uma coisa linear. Então é escolha deles, mas eles conseguem encaixar nessa ordem.

PJ - Filipe: A ação do curador [...] parte da noção de que a curadoria consiste na “utilização de diferentes tecnologias para dar e adquirir significado”, o conceito é estabelecido pelos autores dos cinco critérios [...], e acaba esclarecendo a função já exercida há tanto tempo pelos professores (grifo nosso).

Assim, chegamos à quarta recorrência para o conceito de curadoria: a elaboração didática. Os enunciados a seguir, de Duda e Filipe, não aproximam a práxis docente para a curadoria, mas para a elaboração didática defendida por Halté (2008). Desse modo, relembremos, pois, duas visões distintas quanto à praxis docente, discutidas no escopo teórico desta pesquisa, a saber: a de Deschaine e Sharma (2015), que propõe a prática docente ligada ao papel de curador, indicando para esse fim o processo didático de cinco etapas, classificadas por eles como os “5Cs”; e a de Halté (2008), que concebe a prática docente no âmbito da elaboração didática, em que se mobiliza diferentes saberes.

Ambas as concepções indicam a prática de seleção e análise de conteúdos por parte do professor para a elaboração da aula, ainda que cada um adote diferentes perspectivas. Porém, os primeiros trazem como cenário o ambiente

digital e traçam etapas específicas para a curadoria de conteúdos educacionais; o segundo, não se refere a esse aspecto digital, ainda que reforce a necessidade de o professor considerar em sua elaboração didática todos os contextos culturais, o que nos possibilita aferir a inclusão dos recursos educacionais digitais dispostos na cultura contemporânea para tal prática.

Portanto, ainda que Duda indique alguns traços digitais para a curadoria, como inserir os arquivos dos textos digitalizados num drive, por exemplo, e Filipe não fale diretamente das tecnologias digitais, mas de “diferentes tecnologias”, o que podemos inserir, nesse contexto, as novas tecnologias digitais dispostas na modernidade recente, o aspecto digital não resignifica, para eles, a práxis docente para o conceito de curadoria.

Porém, reforçam a ideia de que as teorias apresentadas não extrapolam muito o que o professor já faz no seu dia a dia profissional, bem como nos possibilita pensar o aspecto digital como uma modernização das formas de viver a vida social (MOITA LOPES, 2013). Isto é, elementos que o professor já contempla em seu fazer profissional ao atualizar os conteúdos a serem abordados nas suas aulas, com base, também, em novas tecnologias.

Ainda que os discursos tenham sido produzidos em situações distintas, o de Duda na aula sobre curadoria e o de Filipe no projeto escrito, ambos valoram suas concepções a partir dos discursos assimilados quanto à atuação docente. Isso é possível perceber na expressão utilizada por Duda “Ah, tipo...” quando ela pausa sua fala para pensar, refletir, reacentuar suas percepções.

No discurso de Filipe, percebemos essa valoração quando o licenciando contrapõe o discurso teórico utilizado por ele ao dizer que “esclarecem a função já exercida há tanto tempo pelos professores”, isto é, segundo ele, os teóricos apenas reforçam algo que já faz parte do seu horizonte apreciativo, ainda que com outra nomenclatura.

Ademais, Duda confere um tom cotidiano em seu discurso para exemplificar possíveis tarefas que o professor já faz antes mesmo da “modernização dessas práticas serem conhecidas como curadoria”, ao mencionar que disponibilizar um texto digitalizado num drive não outorga uma inovação, uma vez que o professor já utilizava deste hábito, mas disponibilizando livros/textos em lugares que faziam fotocópia/xerox para que os estudantes os retirassem. Consequentemente, essa prática é apenas uma modernização digital para uma tarefa tradicionalmente

utilizada em alguns contextos pedagógicos.

Ainda assim, vale ressaltar que não entra no horizonte apreciativo de Duda o fato de a tecnologia poder oferecer também materialidades visuais, sonoras, multissemióticas etc. Sendo assim, cabe questionar que se, para ela, esses recursos digitais não entram em seu horizonte apreciativo, é porque os professores não os utilizam em suas elaborações didáticas?

Nessa perspectiva, os enunciados de Duda e Filipe nos remetem também ao que Halté (2008) explica quanto à consciência e ao papel de cada ator no processo de ensino-aprendizagem, por meio da elaboração didática:

cada ator, individual ou coletivo, consciente ou inconsciente de suas manipulações, representa seu papel, no seu devido “lugar” [...], nós podemos identificar os transpositores, ter consciência de suas ações, analisar suas razões e seus mecanismos. Cada momento do processo deixa traços fortes, produtos resultantes, que permitem identificar as fontes. Ora, a sala de aula é um “happening”, um acontecimento, único e não reproduzível: a cena que acontece ali nunca é idêntica à peça escrita, não somente porque os atores estão em boa forma, mas porque o texto das interações muda necessariamente a cada vez. (p. 134)

Quanto a isso, podemos destacar o enunciado de Duda, quando ela reforça a autoridade do professor na elaboração da aula e na condução dos saberes selecionados para debate com os estudantes, marcando a posição docente de autonomia/autoridade para escolher o que é relevante ou não para a elaboração da sua aula: “Então é escolha deles[os conteúdos abordados]”.

Além disso, o enunciado de Azul, transcrito a seguir, amplia esta reflexão de Halté (2008) ao descrever as etapas da curadoria muito próximas ao que é proposto na elaboração didática. Ainda que Azul não indique recursos ou elementos digitais para distinguir e conceituar curadoria, podemos aferir que os dois conceitos, para este interlocutor especificamente, podem ser sinônimos.

PJ - Azul: o curador é aquele que entra em contato com materiais e, através de um estudo cuidadoso e deliberado, seleciona aqueles retalhos autênticos que representam o conteúdo a ser trabalhado sem perder a noção de que o aluno tem que desenvolver um conceito de contexto e atualidade.

A partir dessa concepção, Halté (2008), ao refletir sobre a elaboração

didática, diz que

Assumir a transposição [elaboração], para o professor, consiste menos na busca de uma ilusória fidelidade aos saberes teóricos, do que na procura do sentido (a função, a eficácia, a utilidade, a oportunidade, a necessidade etc.) da transposição no projeto de recontextualização dos saberes de maneira eficaz. Essa transposição será sempre, indefinidamente, recomeçada: devido a condições diferentes, como outra turma ou outro programa, o mesmo texto do saber não pode servir duas vezes. Ela será, também, indefinidamente decepcionante e passível de fracasso, pelo menos parcial. O sucesso medido pela aprendizagem efetivada por cada um não pode ser total. Essas são as dificuldades - e a importância - da função do professor. (p. 138-139 - grifos do autor)

Por fim, vale ressaltar que, para aqueles licenciandos que consideram a curadoria como algo novo ao trabalho docente, os processos dos 5Cs definidos por Deschaine e Sharma (2015) foram lembrados, bem como outros autores indicados nos textos complementares enviados a eles também foram citados. Essas características ampliam as concepções iniciais dos licenciandos de que a curadoria era restrita às práticas de seleção ou mediação de conteúdos.

Percebemos, então, que esses discursos não surgem apenas como uma objetificação do discurso teórico, mas reacentuados e reelaborados a fim de dar uma nova roupagem ao conceito elaborado pelos sujeitos participantes da pesquisa. À vista disso, os enunciados a seguir materializam os critérios elencados por eles para uma possível prática de curadoria na educação:

PJ - Dani: A ideia de curadoria de conteúdos digitais é fundamental para pensar o Ensino a Distância, já que o curador é o que seleciona conteúdos, cuida, preserva e reempacota-os de diversas maneiras. A autora [Correia, 2018] nos apresenta os cinco Cs que corresponderiam ao trabalho do curador: Coletar (preservar e visitar), Categorizar (comparar e generalizar), Criticar (discriminar e avaliar), Conceituar (reorganizar e reaproveitar) e Circular (mostrar valor e tornar acessível).

PJ - Roxo: Pensando em curadoria aplicada ao ensino, em nossas discussões durante as aulas, foi unânime o entendimento de que selecionar, organizar e escolher obras e assuntos para a educação pode ser uma importante estratégia para a docência no ensino a distância.

PJ - Vermelho: [...] percebem a curadoria a partir do que elas chamam de os Cinco Cs: Coletar, Categorizar, Criticar, Conceituar e Circular.

PJ - Arthur: A autora aponta a ideia dos cinco Cs que baseiam a noção de curadoria: Coletar (preservar e revisitar), Categorizar (comparar e generalizar), Criticar (discriminar e avaliar), Conceituar (reorganizar e reaproveitar) e Circular (mostrar valor e tornar acessível).

PJ - Filipe: Semelhante ao que ocorre na curadoria artística, as escolhas realizadas são confrontadas por cinco critérios estabelecidos por Deschaine e Sharma (2015), são eles: coletar, categorizar, criticar, conceituar e circular.

PJ - Amarelo: As funções do professor curador, nesse caso, constituem em coletar dados, preservar informação, revisitar o conteúdo, categorizar, comparar, generalizar, criticar, conceituar, mostrar valor e tornar o conteúdo acessível a todos os seus alunos, levando em conta os diferentes conhecimentos de mundo.

Diante da reflexão proposta nesta seção, o conceito de curadoria não foi algo unânime entre os licenciandos. Enquanto para a maioria o traço digital e a mediação são características inovadoras dessa prática, ancorando-se, principalmente, nos critérios dos 5Cs propostos por Deschaine e Sharma (2015), para outros, ela surge como sinônima ou apenas uma nova nomenclatura para a práxis já realizada pelo professor e defendida por Halté (2008) como elaboração didática.

Na próxima seção, apresentamos a discussão sobre uma possível identidade do professor como curador reenunciada pelos participantes. Refletimos, por exemplo, se há uma contradição nos discursos que atribuem a curadoria à práxis docente com uma possível identidade do professor-curador.

DAS (IN)CONCLUSÕES

A partir da presente análise, é possível aventar uma certa unanimidade nos enunciados ao construírem uma “nova roupagem” à identidade docente como professor-curador. Para isso, foram recorrentes características essenciais que esse profissional deve contemplar no seu cotidiano: a) deve *organizar informações*, principalmente as dispostas em ambientes digitais; b) é responsável por *ampliar os saberes dos estudantes*, mas o seu perfil e a sua atuação vão ser moldados de acordo com a modalidade de ensino onde ele vai atuar, isto é, presencial ou EaD; c) *profissional cuja atuação é marcada/condicionada pelas condições concretas de trabalho*.

Para os os licenciandos, essa “nova roupagem” surge como uma

ressignificação de tarefas que o professor, muitas vezes, já realiza em seu trabalho ao elaborar suas aulas, inserindo nesse processo recursos e reflexões sobre tecnologias digitais. Ademais, a modalidade de ensino em que o docente atua, se EaD ou presencial, interfere na na práxis do professor-curador. Além disso, ainda que ele queira adotar um perfil de curador, o contexto de trabalho é que possibilita ou não essa “nova roupagem”.

Nesse sentido, é importante salientar que embora a escola e o docente tentem adotar práticas, processos e dinâmicas de curadoria, essa “nova roupagem” só é possível dependendo das condições e acesso aos recursos necessários. Logo, é preciso que os atores envolvidos na educação pensem o que é possível fazer dentro das condições onde estão situados, uma vez que os discursos oficiais começam a estabelecer a curadoria como uma demanda do professor contemporâneo.

Por fim, esta análise não teve o intuito de esgotar todas as possibilidades de construção de inteligibilidades acerca do professor-curador. Trata-se, antes, de uma análise possível, empreendida no campo da Linguística Aplicada a fim de ampliar as discussões sobre o professor e a práxis docente no que tange à curadoria no campo educacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Curadoria de informação e conteúdo na web: uma abordagem cultural. *In*: SAAD, E. N. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>. Acesso em: 03 maio 2019.

ARAÚJO, N. M. S. Curadoria Digital: o importante papel do professor como curador de recursos educacionais digitais. *In*: FINARDI, K.; TÍLIO, R.; BORGES, V.; DALLAGNELO, A.; RAMOS FILHOS, E. (org.) **Transitando n(a) linguística aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 211-239.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo:

Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018[1963].

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015[1975].

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BHARGAVA, R. **The 5 Models of Content Curation**. 2011. Disponível em: <https://www.rohitbhargava.com/2011/03/the-5-models-of-content-curation.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

DESCHAINE, M. E.; SHARMA, S. A. **The Five Cs of Digital Curation: Supporting TwentyFirst-Century Teaching and Learning**. InSight: A Journal of Scholarly Teaching, Parkville, Missouri, USA, v. 10, p. 19-24, 2015.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GUILHERME, M. L. F. **Discurso sobre violência contra a mulher em webnotícias do jornalismo hegemônico**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2021.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. da. **Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. Traduções de Tomaz Tadeu da Silca. 15 ed. Petrópolis/RJ: 2019[2014]. p. 103-133.

HOFFMANN, J. **A exposição como trabalho de arte**. 2003. p. 19-29. Disponível em: <http://www.eavparquelage.org.br>. Acesso em: 18 out. 2019

LEFFA, V. J. (org.). **Nem tudo que balança cai: objetos de aprendizagem no ensino de línguas**. Polifonia. Cuiabá, vol.12, n.2, p.15 -45, 2006.

LOPES, D. de Q.; SOMMER, L. H.; SCHMIDT, S. Professor-propositor: a curadoria como estratégia para a docência on-line. **Revista Educação & Linguagem**, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 2, p. 54-72, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/5331/4384>. Acesso em: maio 2019.

MARTINS, M. C. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC** - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p. 9-27. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

OLIVEIRA, G. B. de; JANES, F. T. **Professores curadores, uma análise de curadoria de conteúdo em EaD**. Associação Brasileira de Educação a Distância. São Paulo, 2017. n. p. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

RAMOS, D. O. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In: SAAD, E. N. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>. Acesso em: 03 maio 2019.

ROHLING, N. **A atuação do professor de língua portuguesa discursivizadas por licenciandos na Educação a Distância: o embate entre o discurso da tradição e o discurso teórico**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2012.

ROHLING, N. **A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis**. In: Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 15, n. 2, 2014.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, Á. I. P. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. F. de. **Objetos digitais de aprendizagem de História do Brasil para o Ensino Médio: uma proposta de roteiro avaliativo para o professor-curador**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 2017.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

UNGERER, L. M. **Digital curation as a core competency in current learning and literacy: A higher education perspective**. 2016. Disponível em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/2566/3909>. Acesso em: 17 out. 2019.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia.** Tradução, organização, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019[1930].

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018[1929].